

Reflexão sobre o trabalho de campo (Seminários 5 e 6)

Durante o primeiro semestre, quando iniciámos os contactos com várias entidades, o primeiro sentimento foi o de impotência. Tal justifica-se na ansiedade vivida, pois procurámos imensas organizações, entrámos em contacto com as mesmas, mas na esmagadora maioria das ligações efetuadas, nunca conseguimos obter uma resposta. Os primeiros tempos foram complicados, nenhuma instituição estava a responder. Já nem falo de uma associação ter respondido negativamente, isso não aconteceu. Simplesmente as organizações não nos respondiam. Começámos a pensar que esta situação poderia prejudicar a nossa avaliação e a experiência que estava equacionada receber.

Felizmente conseguimos, depois de muito esperar, uma resposta positiva. A AIDGLOBAL aceitou reunir connosco para perceberem as ideias do nosso projeto. Na primeira visita que empreendemos à AIDGLOBAL, tivemos o cuidado de explicar, com exatidão, que estaríamos na instituição, não como voluntários ou como estagiários. Explicitámos que este trabalho inseria-se nos objetivos de uma Unidade Curricular, com vista ao planeamento e execução de um projeto, no seio de uma organização. Senti dificuldades neste processo, pois em algumas ocasiões, estávamos a ser solicitados para estar todos os dias na entidade, num horário completo, como o de um trabalhador, cenário que não era previsto e que nos incompatibilizava por completo a nossa agenda, em função das aulas que tínhamos durante o dia.

A primeira grande complicação surgiu quando constatámos que a organização estava a debruçar-se sobre um conjunto de projetos que finalizavam a sua implementação no fim do mês de Janeiro. O receio voltou a sobrevoar-nos, pois o objetivo da Unidade Curricular assentava na realização dos projetos de intervenção no decorrer do segundo semestre. Após termos encetado um conjunto de conversações e negociações, a instituição favoreceu a nossa participação num projeto que terminaria em Abril, conjuntura mais agradável e interessante para nós enquanto grupo.

Logo no início do ano de 2024 realizámos diversas visitas à AIDGLOBAL. Todas as semanas deslocamo-nos à associação e envidámos esforços no planeamento das atividades a elaborar. Este procedimento foi profundamente benéfico para absorvermos experiência profissional, isto é, para adquirirmos as primeiras noções do mercado de trabalho, através da conciliação dos enquadramentos teóricos e práticos, que fomos retendo ao longo dos anos. Desafiador, interessante e enriquecedor foram os nossos meios

e mecanismos a idealizar para atingir os resultados que pretendíamos. Friso esta ideia, porque ao longo de um conjunto de meses, o nosso grupo preparou um projeto que respondia aos interesses, às dificuldades e às ambições de três públicos-alvo distintos. Observar esta realidade foi complexa, mas muito satisfatória. Creio que desenvolvi a minha capacidade de comunicação, fomentei o pensamento crítico, reforcei as ferramentas para trabalhar em equipa e gerir o tempo da melhor maneira possível. Estes requisitos foram mesmo imprescindíveis, uma vez que quando se projetam projetos de intervenção para três públicos diferentes, a imensidade de perspetivas sobre o desenho do projeto e a sua execução é observável.

A dada altura, a pedido da organização, foi-nos solicitado que entregássemos um plano de sessão mais alargado e detalhado, de forma a especificarmos o raio de intervenção do nosso projeto, durante a fase de implementação. Como ainda não tínhamos, em sala de aula, leccionado a matéria da avaliação, fomos realizando a monitorização ao nosso projeto. Em constante diálogo com dois elementos da organização fomos reajustando algumas atividades, mantendo as nossas ideias base e iniciais.

Se ao início sentimos alguma frustração com o facto de não podermos aplicar algo que inicialmente foi previsto, sem ser objeto de remodelação, a verdade é que fomos entendendo as sugestões que nos foram transmitidas. Porém, para tal acontecer passámos pelo primeiro processo de negociação, uma vez que, as nossas atividades pareciam não estar adequadas ao público e, por isso, segundo alguns elementos da organização não poderíamos executar as nossas atividades, até porque também já não havia muito tempo para voltar a pensar em adaptar as mesmas. Durante o processo de negociação, mencionámos que as tarefas facilmente se adaptavam ao público pretendido, dado o carácter de maleabilidade que empreendemos nas ideias do projeto. Ainda assim, na génese deste processo, lidar com esta situação de ter de modificar atividades, constituiu mesmo um choque, pois pensámos superficialmente, que poderíamos ser prejudicados pelo facto de estarmos a ter de mudar o nosso itinerário de implementação.

No fim, entendemos perfeitamente, que todas estas dinâmicas fazem parte do processo. Aprendi ao longo de todo este processo que um projeto nunca é totalmente executado como é planeado. Tinha a ideia, no primeiro semestre, que com o que tinha planeado, as operações iriam ocorrer com naturalidade, no entanto, o desenvolvimento do projeto está sempre dependente de variáveis internas e externas, quer aos promotores do projeto, aos intervenientes, aos recursos disponíveis e às organizações de acolhimento, o que implica reajustes constantes, realidade que também condiciona a avaliação.